

SOCIOLOGIA DA CULTURA: CLASSES SOCIAIS E GÊNERO EM JANE AUSTEN

Tatiane de Souza Mota

Mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Sociologia - UFAM

RESUMO

O presente artigo analisará os grupos sociais apresentados na obra “Orgulho e Preconceito”, da escritora inglesa Jane Austen. Essa literata, por ter vivido entre os séculos XVIII e XIX, nos apresenta as mudanças sociais, políticas, econômicas e ideológicas e a ascensão da burguesia que estavam ocorrendo na sociedade inglesa desse período. Com base na personagem principal do romance, Elizabeth Bennet, uma heroína que reivindica a racionalidade na mulher e que fará uma oposição forte às demais personagens do romance, acabaremos observando os contrastes de classe e gênero, de forma a conduzir a análise para os arranjos matrimoniais entre os grupos sociais presentes no romance.

Palavra-chave: Classes sociais; Gênero; Casamento. Introdução

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma abordagem a partir do prisma da Sociologia da Literatura, que fará uma análise das questões de classes sociais, a mobilidade através do arranjo do matrimônio entre famílias e a questão de gênero que será apresentada pela ótica de personagens femininas. Isso verificando os enlaces ocorridos no romance “Orgulho e Preconceito”, publicado em 1813, na Inglaterra, escrito pela autora Jane Austen.

O período histórico no qual a escritora viveu nos evidencia um cenário onde as mulheres sofriam duras restrições impostas pela sociedade e, em seu romance, “Orgulho e Preconceito”, ela retrata isso por meio das personagens e das dificuldades encontradas durante a vida. Neste romance, Jane vai além da óbvia crítica às relações de poder, estratificação social, divisão de classes, arranjos matrimoniais, condutas e códigos sociais estabelecidos para os indivíduos, pois tem na personagem de Elizabeth Bennet uma mulher que questionava as regras sociais impostas às mulheres e também protestava sobre o abismo das diferenças entre classes.

A escritora dá voz, assim, às questões antes não

discutidas, desempenhando um papel precursor e desvelando as estruturas engendradas na sociedade. Com isso, na medida em que seja possível estabelecer uma homologia entre literatura e sociedade, considerando como a divisão de classes e a condição feminina são transfiguradas nessa obra poderemos verificar a riqueza dos dados dentro do livro que nos evidenciarão toda a conjuntura da estratificação social e dos arranjos matrimoniais.

É importante lembrar que se faz necessário dessacralizar a criação literária e destacar a sua dimensão histórico-sociológica, rejeitando a perspectiva idealista que concebe a literatura como uma esfera da atividade humana completamente autônoma em relação às condições materiais de sua produção. Assim, nos debruçaremos numa obra que, passados mais de duzentos anos de sua primeira publicação, ainda é reveladora e tão lida nos tempos atuais.

ORGULHO E PRECONCEITO: MOBILIDADE SOCIAL ATRAVÉS DOS ARRANJOS MATRIMONIAIS

A autora, por ter nascido numa sociedade marcada pelas diferenças sociais tanto entre homens e mulheres quanto entre classes mais altas e mais baixas. Acabou por escrever em seus romances as minúcias desse jogo social. Austen nos revela as pressões exercidas pela sociedade sobre o casamento, o sustento da mulher que deveria ser provido por meio de um bom enlace, gerando assim estabilidade e mobilidade de classes que estavam em posição de rebaixamento, com isso, somente através de um bom arranjo matrimonial essas mulheres poderiam assegurar sua sobrevivência numa sociedade fortemente patriarcal.

No romance “Orgulho e Preconceito”, Austen relata a história de Elizabeth Bennet, obrigada a lidar com os problemas relacionados à educação, cultura, moral e casamento na sociedade aristocrática na Inglaterra do início do século XIX. Elizabeth é a segunda de cinco filhas de um proprietário rural na cidade fictícia de Meryton, em Hertfordshire, não muito longe de Londres. O trecho do romance se passa numa época em que o nome da família tinha grande relevância social e onde a única maneira para uma moça ter um “bom futuro” era fazendo um

“bom casamento”.

Portanto, fica claro, em suas obras, que Jane expressa não apenas a afetividade e sentimentalismo da instituição casamento. Há nesse ponto, na verdade, a crítica e o desagrado sobre as estruturas que operam na sua época. Tanto é que de alguma forma fica evidenciado em sua própria vida, quando a autora não aceita um pedido de casamento e acaba por ter que viver com sua irmã e mãe com o auxílio de um irmão após a morte de seu pai, já que naquela época a herança ficava para o filho primogênito ou parente mais próximo do sexo masculino.

Entretanto, a escritora, por ocupar um lugar na classe média rural e ter nascido num ambiente familiar relativamente privilegiado do ponto de vista econômico e cultural, pois seu pai era pároco e professor, teve condições propícias para desenvolver seus trabalhos literários. Assim ela, perto de outras mulheres que não tiveram um ambiente familiar mais “aberto” da sua época, pôde através de seus livros mostrar o mundo de reclusão que a mulher vivia.

A mobilidade social que encontramos no romance “Orgulho e Preconceito” trabalha com o conceito de Anthony Giddens (2005), na qual a mobilidade social “refere-se ao deslocamento de indivíduos e grupos entre posições socioeconômicas diferentes”. É o dinheiro que determinará a posição das classes que vai aparecer e intervir diretamente nas relações sociais no romance, porque o “capital financeiro” e a força do dote movem os arranjos matrimoniais, que nem sempre acontecem entre pessoas da mesma classe social, o que acaba permitindo que pessoas, antes desprovidas de fortuna e títulos, ascendam socialmente. Como nos mostra Rebecca Asker:

A necessidade desesperada de Sra. Bennet encontrar maridos para suas filhas reflete em seu comportamento social. A Sra. Bennet tem uma maneira de mudar sua relação com as pessoas com base na probabilidade que elas possuam de trazer riqueza para sua família. Por exemplo, quando as mulheres conhecem primeiro a riqueza do Sr. Darcy, ele é descrito como mais bonito que o Sr. Bingley, e ele foi olhado com grande admiração. [...] Claramente, a Sra. Bennet é uma mulher que associa a felicidade com

o dinheiro. A Sra. Bennet mostra o mesmo ponto de vista, quando Elizabeth se recusa a casar com o Sr. Collins. Mesmo sabendo muito bem que Elizabeth não sente nada por ele, ela se recusa a aceitar que Elizabeth não se case.¹ (ASKER, 2012, p.2)

Assim, percebemos os enlaces dos arranjos, mães casamenteiras, mobilidades sociais como ajustes para a garantia da sobrevivência da família. Karl Marx nos ajuda a verificar esse cenário de divisão de classes, quando observamos o Estado aparecendo para representar os interesses da classe dominante e cria, para isso, inúmeros aparatos para manter a estrutura da produção e desigualdades entre posições de classes sociais. Esses aparatos são nomeados por Marx de infraestrutura e condicionam o desenvolvimento de ideologias e normas reguladoras, sejam elas políticas, religiosas, culturais ou econômicas para assegurar os interesses dos proprietários dos meios de produção. No caso do romance “Orgulho e Preconceito”, é visível essa infraestrutura na ordem que marcava a separação entre a aristocracia, a classe média burguesa e camadas mais baixas.

Na sociedade tão engendrada por códigos que estabelecem regras de comportamentos aos indivíduos, havendo sempre a manutenção das regras e códigos, isso aparece no romance quando a protagonista recusa o pedido de casamento do Sr. Collins, atitude bastante destoante dos moldes comportamentais admitidos pelas mulheres e ditado pela sociedade patriarcal. O discurso da Srta. Bennet foge a todos os padrões estabelecidos na época, principalmente quando a força de suas palavras traduz toda sua discordância para que um enlace matrimonial aconteça:

Asseguro-lhe que não sou dessas moças, se é que existem, que cometem a ousadia de arriscar a sua felicidade confiando nas possibilidades de um segundo pedido. Minha recusa é perfeitamente séria. O senhor não me poderia tornar feliz. E estou convencida de que sou a

última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz. (AUSTEN, 2011a, p. 111)

Era absolutamente inimaginável conceber que uma mulher pudesse ter uma postura de tão grande independência, principalmente diante do homem que no futuro herdaria a propriedade da família. Esse casamento para muitas mulheres poderia configurar como a salvação do futuro.

É notório observamos que os personagens masculinos buscam em muitos momentos explicitar seu privilégio econômico, seu status social, sua mobilidade e seu poder de chefiar. Entretanto, o poder masculino é menosprezado, a exemplo da recusa de Elizabeth Bennet diante das propostas de casamento de Collins e de Darcy (em sua primeira tentativa), embora ambos tenham enfatizado as vantagens econômicas que isso traria.

Outro momento do livro em que será percebida a importância da questão econômica é quando a Sra. Gardiner, tia de Elizabeth, alerta a sobrinha sobre o ato imprudente que seria casar-se com o Sr. Wickham, um militar sem posses e sem nenhum título.

Temos ainda em “Orgulho e Preconceito” o casamento do Sr. Collins com Charlotte Lucas que representa bem a falta de opção das mulheres quanto ao poder de escolha. Há aí o arranjo de conveniência, onde Charlotte vendo-se em idade avançada para casar (27 anos), casa-se para desonerar os pais, ainda que não goste do marido. Com isto, a escritora Jane Austen nos revela:

Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato, nem agradável. A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora o seu maior desejo; era a única posição tolerável para uma moça bem-educada, de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável

¹ “Mrs. Bennet’s desperate need to find husbands to her daughters reflects in her social behavior. Mrs. Bennet has a way of changing her regard of people on the basis of how likely they are to bring wealth to her family. For example, when the ladies first acknowledge Mr. Darcy’s wealth, he is described as much handsomer than Mr. Bingley, and he was looked at with great admiration [...] Clearly, Mrs. Bennet is a woman who associates happiness with money. Mrs. Bennet shows the same view when Elizabeth refuses to marry Mr. Collins. Even though she knows very well that Elizabeth has no feelings for him, she refuses to accept that Elizabeth will not marry him.”

de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, agora a obtivera.² (AUSTEN, 2011a, p. 125-126)

Nisso, vemos que nem todas as personagens têm esse espírito de ir contra as regras socialmente estabelecidas, tanto é assim que a própria amiga da protagonista de “Orgulho e Preconceito”, Charlotte Lucas, acaba aceitando casar com William Collins, causando em Elizabeth Bennet certo desapontamento ao constatar a realidade cruel de sua época.

Posteriormente, o romance de Austen apresenta a mobilidade social das irmãs Jane e Elizabeth Bennet. Ambas conseguem casamentos rentáveis que lhes garantem fortuna e bem-estar. A primeira se casa com o Sr. Bingley, novo locatário da propriedade de Netherfield, jovem inglês dono de uma fortuna que gira em torno de 4 a 5 mil libras por ano. Em alusão à chegada de Bingley, Jane Austen eternizou a frase que abre o romance “Orgulho e Preconceito”, quando afirma que “é uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa” (AUSTEN, 2011a, p. 1).

Já Elizabeth Bennet consegue um casamento ainda mais promissor com o amigo do Sr. Bingley, o Sr. Darcy, que possui uma fortuna de 10 mil libras por ano. O interesse econômico também aparece em outras personagens de “Orgulho e Preconceito”, como, por exemplo, na irmã do Sr. Bingley, a Srta. Caroline Bingley. Ela deseja afastar o irmão de qualquer maneira das moças da família Bennet devido à diferença de classe social entre eles.

E até mesmo o Sr. Darcy no começo do romance se mostra contrário ao envolvimento de seu amigo, o Sr. Bingley, com a irmã de Elizabeth Bennet por conta da diferença de classes e do comportamento de suas irmãs e mãe se mostrarem abomináveis para as regras de etiqueta da sociedade.

Assim, ao analisar “Orgulho e Preconceito” partindo da questão de classes sociais que naturalmente afetam o universo das mulheres de maneiras espe-

cíficas, forma-se um debate interno no romance, no qual Lady Catherine de Bourgh (Tia de Sr. Darcy) e Elizabeth discutem diversas questões (de posição social ao ideal feminino). O que afetará o entendimento dessas personagens sobre o comportamento esperado da mulher é a intenção que cada uma traz por trás do discurso – claramente moldado pela posição que as personagens ocupam na trama e, poderíamos dizer, socialmente.

De acordo com as palavras de Lady Catherine de Bourgh, as mulheres precisavam ser boas gerenciadoras de assuntos domésticos e quando usa o termo mimada, nos leva a crer que uma mulher com essa característica não se encaixaria nos afazeres do lar, sendo incapaz de cuidar do marido, da casa e dos filhos. Nesse ponto vemos que as investigações de Pierre Bourdieu nos auxiliam, pois ele ressaltou diversas facetas acerca dos processos de dominação simbólica, incluindo a questão de gênero. É nesse sentido que a questão de gênero deve ser compreendida como um processo de incorporação por parte dos diferentes agentes sociais da própria estrutura social na qual se encontram inseridos, legitimando-a e reproduzindo-a. E que muitas vezes é tão enraizada a dominação que o dominado acaba reproduzindo-as, no caso aqui, as mulheres acabam por questionar o comportamento de Elizabeth Bennet justamente por essa debater a estrutura social entre as classes.

A educação para as mulheres também é um atributo cobrado por Lady Catherine de Bourgh, o que parece faltar na matriarca da família Bennet e suas filhas mais novas. Sobre essas qualidades femininas, a personagem Sra. Caroline Bingley, irmã do Sr. Bingley e pretendente do Sr. Darcy, parece ser a representação dos valores aristocráticos que vivem a condenar o comportamento de Elizabeth Bennet, que para ela está fora dos padrões do que seria um modelo de mulher para se casar. Suas críticas mordazes alcançam também as filhas mais jovens dos Bennet, Lydia e Kitty. Essas opiniões frequentemente expressas para o Sr. Darcy pela Srta. Bingley podem simbolizar a aristocracia pejorativamente os menos

2 “Mrs. Gardiner also mentions that is Elizabeth’s duty towards her family to marry a wealthy man. The quote is a sign of the pressure the women in *Pride and Prejudice* are under, even by aunts [...] It also shows that an “interesting” personality is not enough to be an acceptable. To gain money by marrying is thus a requirement if the marriage should be defined as acceptable, while personality comes in second place.”

abastados financeiramente.

Neste momento poderíamos utilizar os apontamentos de Émile Durkheim, que nos fala que “a vida social não é outra coisa que o meio moral, ou melhor, o conjunto dos diversos meios morais que cercam o indivíduo”. Assim, ficam bem marcadas na sociedade as regras e condutas moralizantes que os indivíduos incorporam e acabam repetindo. No romance vemos como as mulheres desde cedo têm que seguir as regras de bom comportamento para que eventualmente sejam bem vistas pela sociedade, e as possíveis famílias de bons partidos as cogitem como damas respeitáveis.

A personagem principal contraria o desejo de Lady Catherine de Bourgh, que desejava ver Darcy casado com sua filha, a Srta. de Bourgh. Elizabeth, mesmo diante do pedido de uma nobre e a exigência de que se afastasse de seu sobrinho, mantém sua postura de ter suas escolhas respeitadas, reafirmando que suas atitudes só dizem respeito a ela e seu livre direito de decidir. O diálogo entre as duas personagens é ponto forte no romance:

Se não existe outra objeção ao meu casamento com o seu sobrinho, o simples fato de saber que sua mãe e sua tia queriam que ele se case com Miss de Bourgh não me faria renunciar a ele. Planejando o seu casamento, fizeram tudo o que lhes era dado a fazer. A sua realização depende de outras pessoas. Se o Sr. Darcy não está ligado a esse casamento nem pela honra, nem pela inclinação, por que motivo não poderá ele escolher outra pessoa? E se essa escolha recair sobre mim, por que não hei de aceitá-la? (AUSTEN, 2011a, p. 342-343)

Jane Austen representa com suas personagens femininas um panorama de sua época, da condição da mulher na sociedade, além de mostrar a divisão de classes. Muitos críticos associam suas ideias com a autora Mary Wollstonecraft, escritora profissional e membro de um círculo intelectual radical em Londres, movimento conhecido hoje em dia como dos primeiros feministas ingleses modernos.

Em “Marxismo e Literatura”, o autor afirma que “a teoria literária não pode ser separada da teoria

cultural, embora possa ser distinguida dentro dela” (1979, p.145). Com base nisso, podemos dizer que a literatura não é o espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Deste modo, a escritora Austen só escreveu em seus romances as condutas e comportamentos que ela própria pôde observar em seu tempo.

Seguindo esse raciocínio, a arte e a literatura expressam visões de mundo de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta de tais grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Assim, visões de mundo são constitutivas de uma prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem e com os quais se relacionam.

Com isso, o presente artigo tentou demonstrar através de uma análise sociológica partindo do material literário, e tendo em vista a questão da divisão de classes, mobilidade social e questão de gênero observadas no romance, a posição de homens e mulheres na sociedade rural inglesa do século XIX, em que Jane Austen viveu, onde a vida da mulher era preparada para fazer um bom casamento e com isso poder assegurar seu futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as visões de mundo e as ideias então transformadas em textos literários, podemos observar que Jane Austen não ignorava a situação da mulher e da sociedade onde viveu. Ela própria, sendo escritora, precisava esconder sua profissão e seu talento. Seus romances depois foram reconhecidos pelas gerações seguintes de escritoras britânicas, que sabiam, como lembra Virginia Woolf em seu artigo “Mulheres romancistas”, que Jane Austen “teria de esconder seus escritos embaixo de um livro quando alguém entrava na sala” (2012, p. 27). Não só Austen, mas boa parte das autoras passou por situações como essa, em que precisavam justificar a sua vontade de escrever ou esconder sua autoria.

E numa sociedade dominada por valores masculinos, com a morte do patriarca da família a herança deveria ser controlada pelo primogênito ou um parente mais próximo que fosse do sexo masculino, desviando assim qualquer possibilidade de as mu-

lheres herdarem os bens. Exemplo disso está presente no romance de Austen, quando o Sr. Collins, parente mais próximo do Sr. Bennet, foi nomeado como herdeiro de sua propriedade. E o fato das filhas do Sr. Bennet não possuírem uma herança após sua morte foi um dos motivos pelos quais a Sra. Bennet tanto tencionava encontrar pretendentes para um casamento. Já que em caso da morte do patriarca da família Bennet, o primo deveria ocupar a casa deixada. Por esse motivo, o casamento era a única maneira de garantir um lar para as filhas.

Jane Austen pode, pelo lugar onde viveu, debruçar-se sobre as minúcias da dominação masculina e a divisão de classes de seu tempo, no entanto, os apontamentos da escritora continuam presentes em todas as áreas da sociedade contemporânea. O sistema capitalista uniu-se ao patriarcado e alienou o cotidiano feminino através do que se intitulou dominação masculina simbólica. À mulher foi dado o status de igual ao homem apenas no mundo do labor, enquanto a desigualdade persistiu na esfera doméstica, na ideia, ainda resistente, da “Rainha do Lar”. E com isso, por vezes, mantém-se a separação das classes sociais, onde se reproduz sociologicamente, politicamente, culturalmente e economicamente essa divisão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASKER, Rebecca. **Love and Money in Jane Austen's Pride and Prejudice**. Karlstad Universitet. Faculty of Arts and Education, 2012.

_____. **Orgulho e Preconceito**. tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CABRAL, João Francisco Pereira. “**As classes sociais no pensamento de Karl Marx**”; **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/as-classes-sociais-no-pensamento-karl-marx.htm>>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

DURKHEIM, Émile. **Émile Durkheim: sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1984. Coleção Grandes Cientistas Sociais. (Capítulo: 1 – Divisões da Sociologia: as ciências sociais particulares; 2- O que é fato social?)

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed 2005.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Editora: L&PM Pocket.